

OKUPAÇÃO CORAGEM

ENTREVISTADOS:	Michele Cavalieri Marcello Nascimento
Localização da atividade:	Okupação Cultural Coragem Conj. Res. José Bonifácio
Área de Atuação:	Artes Visuais
Data da entrevista:	18/09/2020
Entrevistadores:	Ireldo Alves, Nísia Oliveira – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

Coletivo De Ocupação e Revitalização, Arte, Graffiti, Educação e Música C.O.R.A.G.E.M, criado a partir da união de ativistas da cultura, que há anos desenvolvem de forma voluntária diversas ações culturais e artísticas sem fins lucrativos. Realizam uma ocupação Cultural em um espaço da COHAB abandonado há mais de 15 anos, para nele proporcionarmos, de forma gratuita, acesso à arte e a cultura, bem como oferecer espaço físico a toda rede de artistas independentes e Coletivos, favorecendo a oferta e a expansão cultural em nosso bairro.

ENTREVISTADO:

Michele Cavalieri

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Michele CORAGEM – Sou a Michele Cavalieri, eu tenho 37 anos, sou moradora da Cohab 2 há 8 anos, frequentadora da Cohab 2 há quase 18 anos. Hoje eu sou produtora cultural, né, hoje eu me vejo como produtora cultural que por muito tempo eu não sabia, mas hoje eu falo com todo amor assim que eu sou produtora cultural, articuladora. Trabalho com fotografia também, gosto muito de fotografar eventos, é o que eu mais gosto de fazer. Qual foi a outra pergunta?

Bom, pra eu falar em como eu cheguei até aqui eu preciso puxar um pouquinho a minha memória. Como eu conheci aqui, né, porque eu não sou da Cohab. Eu nasci, cresci e fui criada no Grajaú, na Zona Sul. Morei lá até meus 23 anos e durante todo esse tempo que eu fiquei na Zona Sul não lembro de não ter tido nenhum contato com cultura, com arte, assim. Em fase

mesmo de crescimento, adolescência, escola. Aí eu conheci meu ex-companheiro no trabalho, aí por volta de 2003 mais ou menos eu comecei a frequentar a Cohab por ele ser morador daqui, conheci a Cohab, comecei a conhecer a galera, o pessoal e os amigos e esses amigos era uma galera que era do Reggae, curtia Reggae, então, a gente ia pra muito show de Reggae, rolê de Reggae e eram pessoas que tinham banda de Reggae, né, na época. Essas bandinhas que se apresentavam de uma maneira mais independente mesmo. E aí foi criando esse movimento de show, vamos acompanhar os amigos nos shows, nos rolês, até que essa galera do Reggae, né, ela teve a ideia de fazer um evento, um evento com essas bandas independentes “fazer um evento numa garagem, a gente monta, com a estrutura que a gente tem”. E aí a primeira edição pode-se dizer assim desse evento que foi pensado, organizado pra ser realizado de uma maneira bem assim “vamos fazer”, foi um “Reggae Gol”, foi numa quadra, assim, a ideia era um “Reggae Gol” tipo acabar o futebol da galera, onde os meninos iam e as namoradas e as companheiras iam e se reuniam também, ficavam juntos, dali ia tomar alguma coisa, fazer uma reunião e aí nasceu essa ideia de fazer sempre que tivesse um futebol fazer um evento de Reggae depois, né.

E aí acabou que a história do futebol não andou pra frente, mas a ideia dos eventos de Reggae e dos shows de Reggae eles deram certo, né. E aí nasceu o “Reggae na Rua”, isso foi em meados de 2009, 2010. E aí eu, né, tava super envolvida com o pessoal e todo mundo que a gente começou a ter essa visão mesmo de cultura, de música, de eventos, de fazer uma coisa mais legal. Começar a convidar bandas de outros lugares. E aí nasceu o *Reggae na Rua*, né. O *Reggae na Rua* nasceu em 2009, ele foi realizado assim muitas vezes e começou num estacionamento, numa garagem, aí depois foi feito em alguns palcos, uma estrutura melhor. Aí foi conseguindo equipamento aqui, outro ali, pegava emprestado ali, então, foi virando um evento mais legal, aí as bandas começaram a procurar e aí vinha gente de todos os lugares da cidade para os eventos de Reggae. E aí começou a galera, essa galera, né, que eram amigos, começou a se interessar por essa questão da produção, produção musical, produção de eventos. A galera foi se especializando, se formando como técnico de som, técnico de luz. As bandas foram conseguindo se estruturar, outras acabaram e daí saíram músicos que hoje em dia vivem disso, vivem da música. A gente tem exemplos de pessoas que hoje atuam como técnico de som, né, por conta desse movimento que foi crescendo e aí acho que tudo começou daí.

Nosso olhar mesmo com essa questão da cultura, de fazer um movimento cultural na quebrada, desse grupo, cresceu aí, né. E aí, falando assim de mim, eu vim começando a entender isso, esse processo. Aí comecei a conhecer o pessoal do coletivo ALMA, Reação Arte e Cultura, uma

galera que já tava nesse corre, né, a gente foi se conhecendo, eram pessoas que também pegaram gosto pelo *Reggae na Rua*, pra esse evento, né, que envolvia música, a gente fazia biblioteca pública, era uma biblioteca que dava super certo, a galera gostava muito, a gente montava os livros assim na rua e saia muitos livros, a gente envolvia também recreação infantil porque os pais levavam, né, as crianças, também no *Reggae na Rua*, muito bom assim, era muito divertido! Tudo isso nasceu daí, né, o *Reggae na Rua* foi ficando cada vez mais estruturado e de uma maneira mais independente. A gente nunca conseguiu ganhar o fomento, a gente não tinha esse... essa visão, esse pensamento: “vamo sentar, vamo conversar, vamos escrever o projeto, colocar no papel”, era meio uma coisa assim “vamo fazer, vamo fazer, já vamos chamar as bandas, vamos fazer a parada acontecer”. A gente tentou, a gente tentava escrever alguma coisinha, mas não era nada muito profissional. Foi aí que eu fui me interessando pela produção cultural, nessa época toda eu fiz uma faculdade de eventos, uma faculdade técnica de evento, comecei a conhecer mais como funcionava, a gostar disso. Aí nasceu daí, né. O *Reggae na Rua*, por ser um movimento assim independente ele teve força por um bom tempo assim, ele foi muito foda, muito movimentado, muito falado por um bom tempo. A gente teve várias bandas internacionais, a gente teve galera de outros estados, a gente teve cantor internacional, cantora. Então, foi o que movimentou a nossa galera ali, né.

E aí sempre essa ideia de fortalecer o *Reggae na Rua*, de ter um espaço, de ter uma sede, de ter lugar pra gente poder se reunir. E depois de muito tempo, né, um dos integrantes aqui do CORAGEM, né, que hoje não faz mais parte do CORAGEM... Pode citar nomes? Vou citar nomes! É o Tássio, né, ele foi um dos que encabeçou o *Reggae na Rua* também, foi ele, o Cage, na época Tássio, Cage, Edgar, Thiago Rocha, o Rodrigo que hoje é técnico de som, foi mais essa galera assim. Aí tem eu e a Fernanda, que a gente fazia mais a produção do evento mesmo – camarim, biblioteca, recreação –, a gente fazia essas coisas. E fora toda aquela galera que eu nem consigo falar o nome de todo mundo que tava também no corre, né, de montar palco, de carregar as paradas, enfim.

E aí a gente veio pra Praça Brasil, organizamos o *Reggae na Rua* na Praça Brasil e era onde a gente tava começando a fazer uns eventos de reggae, a gente veio aqui pra Praça Brasil. Aí nisso, dessa questão assim da gente começar a querer ter um espaço, né, sempre essa ideia. E antes da ocupação nosso grupo, a gente tava com a ideia também de fazer uma exposição, isso nasceu assim meio que do nada também, a Mariana Mata também tá nessa. A gente queria ocupar a Casa de Cultura Raul Seixas, que ela tava... tinha a administração, na Casa de Cultura Raul Seixas, mas não tinha movimento, não tinha atividades lá, né, foi antes do Marcello chegar,

dele entrar, a gente queria fazer exposição lá, né. A nossa ideia de ocupar o lugar assim, a gente falou “não, vamos chegar lá e entrar e fazer a parada e vamos ocupar”, não sei Cage. A gente tava com essa ideia. E aí tinha a ideia da primeira amostra de arte urbana de Itaquera, que a gente tava meio que procurando lugar pra fazer, aí o grupo ganhou nome CORAGEM, que é o nome que a gente tem, que foi a Mari que pensou nesse nome que é bem legal que é “Coletivo de Ocupação, Revitalização, Arte, Grafite, Educação e Música”. Nasceu esse nome, o projeto da amostra também, a gente colocou no papel tudo, pensando em ser lá na Casa de Cultura Raul Seixas e aí não rolou.

E nisso tudo, esse espaço aqui que era morto, que era... na atualidade, né, eu tô dizendo do tempo que eu tô aqui, nunca vi isso aqui aberto, começou a ser ocupado, por bar, né, o Coringa na época ocupou, entrou aqui no bar do lado. Aí o Tássio passando por aqui um dia, conheceu o Coringa que eles trabalharam juntos uma época, parou pra conversar “aí, como que você entrou aqui, o quê aconteceu?”, “Ah, meti o pé na porta e entrei e vou fazer o meu bar aqui!”. Aí ele viu esse espaço aqui aí falou “e aí, e esse espaço aqui do lado?”. “Ah, tá vazio”, não sei o quê e tal. E aí ele pensou e chamou a galera, reuniu a galera, nisso tá tendo um movimento de batalha de rima na Praça Brasil, né, que era a Batalha da Sil que tava forte também naquele momento, juntava mó galera. Aí a gente chamou também esse pessoal da batalha aí pensamos em ocupar aqui, né. Aí foi alguns dias de conversas e tal, nem tínhamos muito tempo pra pensar pra ver se era isso mesmo. Foi questão assim de dias de marcar o dia e falar “a gente vai entrar naquele espaço e fazer virar o nosso espaço cultural”, a nossa sede, né. Aí foi o quê aconteceu!

Michele CORAGEM – A ocupação?

Foi em 2016! A ocupação aconteceu no dia 27 de fevereiro de 2016, foi um sábado. E foi isso, não tivemos muito tempo pra pensar era “ah, a gente vai entrar ou não vai entrar”. E aí chegamos aqui no dia 27 de fevereiro de 2016, a gente entrou em contato com as pessoas tipo Marcello, Júlio, na época, uma galera que era mais da antiga falava “o quê vocês acham?”, “não, elabora um papel, distribui pra galera, vamos fazer um momento na hora e tal”. A gente... Aí chegou no dia a gente tava em muitos, né, a galera chegou e a gente tava com muito receio, muito medo da gente entrar e a polícia já chegar atrás e prender todo mundo. Foi muito tenso mesmo, foi tenso pra caramba esse dia. Essa decisão da gente chegar na pracinha e entrar aqui foi foda, bem difícil. “Vamo entrar, vamo entrar”, aí da porta lateral, lateralzinha ali né, a gente foi fechado, foi o primeiro lugar que a gente quebrou. E aí entramos, entramos, a galera foi entrar e a gente entrou e um susto que isso aqui tinha entulho, lixo e sujeira até o teto assim, tava feio

e a gente começou a tirar, aí já abriu a outra porta e tira e começa a tirar, a tirar, e a galera chegando e tirando e a gente fotografando e registrando. E aí já chegou uma galera do grafite e começou a grafitar as portas, aí tinha umas crianças também. Aí já passou batido e a gente começou a ficar mais relaxado.

E a partir daí foi assim foram dias assim, sei lá, de repente até meses de limpeza, disso da gente tirar esse entulho daqui, né, aí começou a ocupação! Nesse meio da ocupação, assim, da gente entrar, a gente recebeu a presença da COHAB aqui, né. A COHAB logo ficou sabendo e veio e aí a gente já começou a pensar é... E aí já exigiu o CNPJ, coisa que a gente nem, nem sabe, nem era nossa ideia fazer isso, porque todo o tempo do Reggae na Rua a gente não pensou nisso assim, a gente não teve essa “vamos fazer mesmo a parada séria no papel”. Foi muito mais uma maneira independente assim, chegar lá e fazer, acabou, dia seguinte, cada um na sua casa, sem muita responsabilidade. E aí a gente chegando aqui a COHAB chegando e a gente “entramo, agora não vai sair, né”. Faz CNPJ e a gente criou, na semana seguinte já fomos atrás de regularizar essa questão e não parava, a gente não parava aqui, era todo dia limpando e a galera se reunindo, e aí pintando. É isso!

E aí nesse, nesse lance todo a Praça Brasil ela tava em reforma, tava começando uma reforma. Ela ficou... uma praça tão importante, né, ficou muito tempo abandonada assim. Ela tava bem feia assim, não tinha esse movimento que tem, era um espaço muito morto. Era até ruim de passar aqui às vezes. E aí a Subprefeitura começando a reforma na praça e a gente tinha uma galera de skate, né, a gente tinha música, a galera do skate, a galera do grafite, uma junção né de pessoas assim e aí rolou a ideia também de fazer, da gente entrar com um projeto na Praça Brasil de skate. Aí a galera do skate se reuniu, fez um projeto muito legal da praça e foi cobrar isso do subprefeito. Foi aí o subprefeito conheceu a gente aqui do CORAGEM. Com essa galera a gente já avisou que a gente já ocupou lá mesmo, ocupamos lá o espaço e é isso, a gente veio aqui reivindicar. E a gente foi super bem recebido por ele, pelo Maurício Martins, né, recebeu muito bem, olhou o projeto e falou “é isso!”. Chamou o engenheiro lá e falou “a partir de hoje é esse projeto aqui que vai ser feito na praça”. E aí a Praça Brasil foi reformada e a pista de skate ela é desse jeito, nesse formato plaza, né, porque os meninos tiveram essa visão. E aí o subprefeito começou ajudar aqui também, achou ótimo a ocupação falou “é isso mesmo, estou com vocês”. Ajudou a gente, tava aí pra o quê a gente precisava, mandou caminhão pra tirar entulho, deu o maior apoio, né, porque pra ele isso aqui era um espaço que recebi reclamações, né, morador de rua entrava aqui, dormia e tinha muito rato, muita sujeira, então pra ele foi bom. É bom pra ele até hoje, né, que a campanha dele tem a Praça Brasil lá que ele fala pra caramba,

adora tudo isso aqui. E aí foi onde a gente, o CORAGEM, começou mesmo a se movimentar. A gente iniciou aqui e quando a gente conseguiu dar aquela ajeitada... (algo aconteceu, muito barulho).

Subprefeito, né, e ele veio e ajudou a gente bastante aqui, mas o espaço ainda muito precário...

Aí a gente recebeu essa ajuda que pra gente no momento foi muito boa, né, porque foi uma ocupação que pela vizinhança não foi muito bem vista assim, porque era um monte de jovens que tavam aqui dentro do espaço, eles não entendiam muito o que tava sendo feito, e aí a gente teve esse apoio da Subprefeitura foi muito importante na época, foi muito bom mesmo. A gente conseguiu muitas coisas, mas assim... é isso assim. Aí o restante das coisas que a gente teve que fazer foi tudo nós assim, a gente era o sangue mesmo, o dinheiro a gente tirava do bolso, eram vários corredores aí era onde começava a ter aquelas questões mesmas de responsabilidade, de um, falta de outro, aí já começa a ter alguns problemas de pessoas que estavam e aí depois se afastaram porque viu que a parada era louca mesmo, né, assim, não era um lugar só para estar, tinha que ter corresponsabilidade né. E a gente começou a se preocupar com isso de ter programação, tinha que movimentar o espaço. Aí a gente teve a Batalha da Zil, que é toda sexta-feira que isso aqui lotava, bombava assim, foi um evento muito importante também que teve aqui. E aí ficou por um tempo, por um bom tempo, depois também acabou, né, os meninos se afastaram. Aí começaram a chegar outras ideias do projeto, o projeto a gente tinha a primeira amostra de arte urbana de Itaquera que era pra ser realizado lá na Casa de Cultura Raul Seixas, veio pra cá e coube assim perfeitamente, né.

Quando a gente conseguiu dar uma reformada, uma reformada não, uma pintura básica, que essa pintura que a gente tem hoje em dia ainda, a gente nem modificou, né, pilar a gente conseguiu começar colocar uma luz melhorzinha, deixar o espaço mais ou menos, a gente conseguiu realizar a primeira mostra de arte urbana de Itaquera, né. E coincidentemente, quando a gente entrou aqui, a gente achou mais de cinquenta madeirinhas cortadas do mesmo jeito. Pensamos “é aqui, com essas madeiras, que vão se realizar as obras desses artistas”, né, são essas madeirinhas aqui. E aí foi a primeira exposição e eu acho que a partir daí começou a, a gente começou a ter uma visão mais organizada da ocupação, né, aquela galera que tava mais mesmo pro auê “ah”, por empolgação foi se afastando. A gente foi criando uma equipe e a gente conseguiu realizar várias exposições e aí a galera começou a olhar a ocupação de uma outra maneira como uma galeria de arte mesmo. E junto com essas exposições eventos muito bons vieram, coletivos se aproximaram. A gente atraiu professores universitários, estudantes

universitários, a USP veio aqui. A gente conseguiu atrair estudantes das escolas públicas daqui da região. Então, acho que foi quando a ocupação começou a criar um ar assim mais organizacional assim, de olhar mais mesmo assim adiante, né.

Nós tivemos, a gente conseguiu realizar de 2017 a 2018 a gente começou com a Primeira Amostra de Arte Urbana, depois estava a Expo Vinil, Expo... Exposição Reprocesso, a Expo Tumulto, Exposição Questione Crew, Exposição Eu Sou Sua Sombra, Expo Mulheres Criadoras, Exposição Maomexis e a Expo Respirart. Tivemos esses eventos e foram muito bons mesmo assim, num boom na ocupação, questão mesmo de ficar conhecida, de ser referência em algumas questões, mas aí as coisas foram, também, nesse um ano, dois anos, um ano e meio, de atividade atrás da outra assim, da gente estar a milhão, o espaço a milhão e tudo acontecendo e eventos grandes e bons acontecendo, música, e foi esse período muito importante. Aí a gente começou a entrar em uma outra crise, assim mesmo de questão de grupo, né. Aí por um período a gente teve que dar um tempo nessas atividades, nessas exposições, a gente começou a repensar. Aí o Tássio saiu aqui da Ocupação CORAGEM, que é o cara que encabeçava as exposições, né. Aí a gente começou a... aí deu uma parada mesmo, a gente começou a repensar, né, a ocupação, repensar o grupo, aí a gente ficou um tempinho parado aí o CORAGEM volta de novo, né, com alguns coletivos que já eram comigo, o Marcello, a Nísia chegou faz pouco tempo, né, e pessoas que pensam mais pra frente também, questão de projeto, de pensar o espaço assim, de ser aquele espaço mesmo de fortalecimento. A rede de coletivos, que foi uma coisa que a gente sempre pensou. E deixar o espaço aberto pros coletivos ocuparem, não ser uma coisa só do CORAGEM, só do coletivo CORAGEM, não, de outros coletivos também porque a gente não consegue dar conta sozinho, né.

É importante, a gente via cada vez mais que era importante essa galera estar aqui e acho que isso... hoje o CORAGEM anda assim, ele é um espaço muito mais plural, a gente consegue pensar muito mais na coletividade e a ideia da galeria de arte ela segue firme, né, a gente vai voltar com as exposições. Essas ideias que estão nos nossos projetos. A gente foi contemplado agora como Ponto de Cultura deu um up assim também pro nosso ânimo. A gente tá conseguindo fazer manutenções necessários do espaço, né, por ser um prédio velho, antigo, tem muita coisa a ser feita aqui ainda. Nesse momento a gente tá conseguindo dar um up assim. E aí veio a questão da pandemia também, a gente tava voltando nesse ritmo, estava entrando no ritmo da ocupação, essa nova galera aí chegando, dessa maneira mais plural como eu falei, pensando na coletividade, pensando todo mundo junto. Veio o Reação Hip-Hop pra cá, que é um projeto que nasceu no Reação Arte e Cultura, então, um pouco antes da pandemia a gente

teve algumas edições do Reação Hip-Hop, realizada toda segunda-feira. Então, a gente trouxe o Rap de novo pra ocupação. Foi muito forte na época da Batalha da Sil, depois ficou também a gente não tinha mais evento de Rap, voltou o Reação Hip-Hop. Então, uma galera que conheceu aqui no início, voltou a frequentar o espaço e tava dando super certo, a gente tava voltando e aí chegou a pandemia, né, a gente teve que parar um pouquinho e repensar. Falou pera aí, a gente parou com as atividades culturais, mas o espaço tá lá e o quê a gente faz agora, né?

Aí a gente entrou nessa questão social, né! Vamo arrecadar alimento... é foi uma ideia de vários coletivos: Resiste Quebrada, CORAGEM, Coletivo 2 da Cohab, Gricerina. Eu vou dizer pra vocês depois direitinho, procuro aqui e digo o nome de todo mundo que tá envolvido nessa campanha. Aí foi criada a “Quebrada Solidária”, aí a gente entrou com a arrecadação de alimentos, doações de cesta básica. Ficamos mesmo nessa questão social e chegamos a quase 600 cestas básicas doadas, né. Aí foi parando um pouquinho, o ritmo foi diminuindo e a gente volta a pensar em projetos, a escrever projetos, editais, a olhar pra isso de uma maneira melhor. A Nísia ela chegou com esse olhar muito importante, né, que é algo que faltava. O Marcello... Não vou nem falar do Marcello, que é o braço direito aqui dessa ocupação. E agora a gente tá caminhando assim, acho que hoje a ocupação é isso: quando voltar, espero que seja em breve, a gente espera que o CORAGEM esteja fomentado aí com esses projetos que a gente tá conseguindo voltar, pra gente voltar mesmo com todo up e poder remunerar todo mundo que tá aqui, toda essa galera que expôs aqui, sempre foi de maneira voluntária, o dia-a-dia que eles passavam aqui pra montar, as bandas que vêm. Todo evento de exposição tinha abertura, música, vernissage, depois encerramento e a galera sempre veio mesmo de maneira pra ajudar, pra fortalecer. E a gente que trabalhava aqui também tudo de maneira voluntária. Hoje a gente começa a pensar mesmo, né, vamos tentar correr atrás de editais, vamo tentar melhorar o espaço, remunerar todo mundo que tá no espaço, remunerar as bandas, remunerar os expositores, os artistas.

Aí eu acho que é assim, acho que hoje é nisso que a gente se encontra. É um grupo que tá olhando muito pra frente assim, os coletivos que estão aqui, né, que fortalecem. A Gibiteca Balão, Calçada literária, Homens em Movimento, são pessoas que estão aqui muito na ativa. É complicado, porque muitas pessoas passaram por aqui – o grupo NoBatente passou aqui, foi muito importante também; pessoas que eu conheci, que eu... Nesse processo todo, né, desde quando eu comecei acho que a ocupação é... eu cresci demais aqui assim! Tanto o meu lado pessoal, quanto o lado da produção cultural, o lado de olhar, o olhar social também, né. E é isso,

hoje eu vejo que a gente tá mais preparado, assim, mais forte pra fazer isso daqui andar de uma maneira assim coletiva mesmo, que sempre foi a ideia do espaço, né. É isso!

Ireldo CPDOC – E... Aí assim, se vocês têm uma preocupação de guardar essa história. Como é que vocês pensam de guardar essa memória? De tanto grupo que passou aqui, de tantas coisas que aconteceram?

Michele CORAGEM – É a gente tem essa memória hoje assim fotografias, em poucos vídeos que a gente tem, mas é algo que a gente também tá trabalhando pra ter isso mais forte assim. Pra gente fazer um documentário, mais vídeo, de reunir tudo isso, a gente ter tudo isso de maneira mais acessível para as pessoas conhecerem mesmo como que foi o início, como que começou, todos os grupos que passaram aqui. Foram vários! Todas as atividades. Então, a gente tá nesse processo de organizar isso assim. A gente tem muito isso assim em fotografia, em registros e muitas coisas estão na nossa memória, né, que precisa mesmo tá aí mais acessível e acontecer mesmo, através de repente de um vídeo, um documentário, um livro, por fotos, não sei assim é algo ainda que a gente tá em processo.

Ó, eu, assim, não é porque aqui tava... que as exposições estavam a milhão aqui era muito fácil pra eu falar “é uma galeria de artes”. Sim, é uma galeria, tem exposição, é isso. Os eventos aconteciam e tinha uma exposição rolando atrás. Tinha evento que acontecia de mês em mês e cada mês era uma exposição nova, então a galera vinha pro evento, mas vinha principalmente pras exposições, né. E aí como isso parou, foi acalmando um pouquinho, eu vejo hoje como espaço cultural mesmo, assim! O espaço cultural é que tem que voltar a ser uma galeria de arte. Então, às vezes eu esqueço, acho que não sei, minha memória assim, mas eu acho que o ponto, o quê fez a ocupação assim dar um up foram as exposições, esse lance da galeria de arte na quebrada, algo que não tem. Dificuldade da galera de acessar uma arte, de acessar uma galeria, é algo que a ocupação trouxe isso, né, o grupo trouxe isso. Então, é algo que não pode acabar, tanto que a gente tá nos nossos projetos as exposições e a gente voltar a olhar aqui como uma galeria de arte. Escrever na nossa faixada “Galeria de Arte e Cultura”. Eu acho que minha cabeça, por a gente não fazer... um ponto que eu esqueci, antes a pandemia a gente recebeu e exposição “ZL 100 Registros”, que é essa exposição que tá aqui agora! Foi muito antes da pandemia mesmo, assim. Foi um pouquinho antes, a galera começou a vir pra conhecer e entrou a pandemia, né. Os quadros ficaram aqui! Aí depois de muito tempo a gente recebeu a exposição “ZL 100 Registros”, da galera da Ocupação Mateus Santos. Algo que ficou muito legal também

quem tava vindo nos eventos falou “caramba, uma exposição, que legal!” Então, é algo que a galera sente falta, algo que a gente só deve fortalecer mesmo, a Galeria de Arte e Cultura!

Michele CORAGEM – Os coletivos, né, que estão aqui com a gente Gibiteca Balão, Coletivo, Calçada Literária, Resiste Quebrada... Coletivo 2 da Cohab, que eles realizam o Sarau Tem Coragem, eles realizam o Slam da Ponta também e o Sarau Dichavando Palavras. Reação! Reação, Reação Hip-Hop! Coletivo que chegou antes da pandemia, né, e que tá com a gente aí também. Floema! Homens em Movimento! Essa galera que tá mais no dia a dia mesmo assim com a gente, né, que tá correndo. É teve outra pergunta?

Ireldo CPDOC – As linguagens?

Michele CORAGEM – Ah, as linguagens, eu acho que são várias assim, né. A gente tem a Calçada Literária que é vai pra doação de livros, a troca de questão mesmo da literatura. A gente tem Gibiteca Balão que vai pro público nerd, público geek, que é algo que é muito difícil ter também nas quebradas, então eu acho um coletivo assim, um evento, uma galera muito importante também. Tem o Resiste Quebrada que é uma galera que movimenta de uma maneira que eu vejo mais política essa questão mesmo de não só fazer a cultura, não só fazer aquele show, mas também falar da política, falar de como tá essa questão, de pesar nisso que eu acho muito importante também. E as linguagens são diversas, né, porque o espaço está aberto. Então, a gente tem um evento hoje de evento nerd e amanhã tem um evento underground, né. Então, as linguagens são várias assim, mas eu acho que não foge disso assim: da música, da poesia, da literatura, da arte, acho que são essas as linguagens assim aqui da ocupação.

Nísia CPDOC – É só a última, né, um objeto que você guardaria daqui que representa a memória desse espaço?

Michele CORAGEM – Ah, se eu pudesse eu guardaria o acervo inteirinho da primeira Amostra de Arte Urbana de Itaquera, porque pra mim foi o fato de ter sido realizado... foi que abriu as portas assim, eu acho que pra essa questão da arte aqui na ocupação aqui na COHAB, e toda obra e todos os artistas fizeram nas madeiras que foram encontradas aqui, no meio do entulho todo, e as madeiras estavam cortadinhas do mesmo jeito, parecia que estava esperando a exposição, né. Se eu pudesse guardar algo assim aqui da ocupação eu guardaria o acervo da primeira Amostra de Arte Urbana de Itaquera!

Tem que ter muita coragem pra ocupar, muita coragem pra ocupar e para estar ocupando, né, pra tá no dia a dia tem que ter muita coragem. Pra você chegar no espaço e falar “eu vou ocupar”

tem que ter muita coragem mesmo assim! Estar nisso na cultura, na arte, nesse ramo assim que muitas vezes é mal visto, mal entendido, mal remunerado, tem que ter muita coragem. É isso!

ENTREVISTADO:

MARCELO NASCIMENTO

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Marcello CORAGEM – Bom, meu nome é Marcello, tenho 41 anos, morador aí da COHAB desde o início da COHAB, desde 1981, né, vim pra cá com 2 anos de idade. E já pulando um pouquinho né, dos 2 anos pra mais ou menos 20 e poucos, acho que vale destacar assim um pouco o meu contato com a arte, né, porque até então... É isso, né, vamos pensar que um morador de uma quebrada que vai acessar arte, tem um contato com a arte, com o teatro, com a música aos 20 e poucos anos de idade, de ver a primeira peça de teatro na quebrada aqui na Praça Brasil, foi algo muito marcante assim pra mim, né. De ver uma galera fazendo alguma coisa, né, no bairro e coisa que nunca tinha passado pela cabeça assim. Então, acho que é algo que foi muito marcante pra mim, né. Essa galera que eu vi apresentando na Praça Brasil, até um deles era até o Grillo, né, o Grillo, Tabata, Thiago, uma galerinha do ALMA. Então, o ALMA, bem no início assim, né, fazendo intervenção e eu por acaso pude ter esse primeiro contato. E a partir desse contato eu tava fazendo até um curso técnico de gestão ambiental na ETEC, e queria fazer, fazia a parada e gostava, mas achava que tinha que fazer alguma coisa dentro do

meu bairro e não dentro da lógica empresarial, né, porque os cursos técnicos eram muito, né, “você vai trabalhar na indústria, ISO 14 mil, ISO 9 mil”, e eu caraca, né, mas queria fazer alguma coisa fora da lógica empresarial.

E aí nada, e aí pensando nisso, vou procurar alguma coisa que tenha algo dentro do bairro. E aí nisso, com essa galera do Coletivo ALMA, né, e aí o mesmo dia que eu conheci assim já outros contatos e tinha um camarada que era da minha rua, né, que conhecia também Tabata, Thiago, conhecia uma galera, a galerinha do ALMA desde o início, e aí já me pôs em contato e no mesmo dia a gente já trocou ideia a noite “puta que da hora, da hora, vamo aí”. A gente, vamos dizer, vamos fazer umas coisas juntos e a gente tava fazendo um lance de uma hora comunitária no bairro, né, uma horta comunitária dentro de um posto de saúde, né, tava com a ideia bem no início. E como eu estava fazendo gestão ambiental, então rolou a parada nessa aproximação, né, mais pra horta. Só que paralelo a isso também, né, bem próximo assim, também tinha uma relação muito de ir no forró, música e tal, então eu frequentava muito forró, então, Remelexo, Planta Raiz, Equilíbrio, todas essas paradas assim, eu ia muito, né, mas sem ter essa visão da cultura assim, né. Pra mim era só tirar uma onda, né, e enfim, né. E aí eu também tocava a zabumba, triângulo, né, mas era mais assim coisa muito espontânea e na zoeira, sabe, de juntar os camaradas pra poder... quando a gente não tinha grana pra ir no forró, a gente fazia o forró, uma desculpa pra poder fazer o forró e um goró em casa. Então, era isso, né, juntava a galera pra tomar um vinho de, um duelo de R\$ 1,99, sabe assim?

Então, nisso, a galera, eu conheço a galera e aí tava no início de montar uma peça de teatro, que era “Antes que a terra fuja”, né, então o ALMA tava com essa proposta, construindo essa peça, e aí só precisava de alguém pra fazer percussão tal, tal, tal. E aí eu... Eles falaram “Marcello, já que você toca zabumba e triângulo vem com a gente pra fazer a percussão”. Aí nessa de paraquedas total assim, sem nunca passar pela cabeça, eu me vejo dentro de uma peça de teatro assim, ensaiando uma peça de teatro. E eu tímido pra caramba assim, muito tímido né. Então, é nessa que eu entro no coletivo ALMA trabalhando na horta, ficamos na horta durante tipo seis meses, e depois acabou que vários conflitos com gestão, aí começa também algo, partindo de uma visão inocente, você vendo os conflitos que vão surgindo, né. Acho que meu primeiro embate político dentro de um posto de saúde, né, de ter essa relação já conflituosa.

Segui no Coletivo ALMA durante 11 anos, com apresentações e peças teatrais dentro dos prédios da COHAB, que pra mim foi a coisa mais revolucionária que eu já fiz na vida até hoje, porque a gente apresentava a peça de teatro dentro dos condomínios da COHAB, com

moradores da COHAB, pros meus vizinhos praticamente, né, e era uma galera assim que era como eu, né, eu nunca tinha visto uma peça de teatro de repente vejo uma peça de teatro no meu prédio. Então, olha que muito louco. Aí numa pesquisa, breve pesquisa que a gente fazia, né, que a gente ficou 95% das pessoas que estão aqui, né, naquela época não tinham... nunca tinham ido numa peça de teatro, nunca tinham visto um ator, alguém atuando assim tete a tete com você, né, só televisão. Então, isso foi despertando outras coisas assim bem interessantes, né, de ter esse vínculo, de querer fazer algo na comunidade sendo da comunidade, né, então acho que eu tenho muito esse espírito de querer fazer alguma coisa onde eu estou, né. Ou seja, aqui minha quebrada e onde eu quero que as coisas aconteçam, né.

E aí nessa trajetória o Coletivo ALMA, assim, acho que tem uma história assim, acho que eu vou pular um pouco assim, né, além das apresentações a gente tem apresentações fora, de fazer coisas vinculadas a permacultura, há uma série de coisas, uma série de ações, né, e uma delas também é de pensar e de influenciar políticas públicas. A gente tinha isso no horizonte, né, de enquanto coletivo de também de ter uma ação artística, de ter vínculo comunitário, mas também de alguma forma traçar esse outro caminho, esse caminho paralelo também de vamo também cutucando, vamo tentando mexer de alguma forma nas problemáticas que a gente for vendo, né.

Então, partindo disso também, muitos conflitos, muitos embates também, né. De 2010 a gente tenta também a puxar uma articulação, começa a partir daí, a minha atuação mais de articulação, né, mais um pouco mais política de tentar organizar os grupos, né, os coletivos, né, os artistas aqui da região de Itaquera, também pra buscar mais políticas públicas, mais verbas pros grupos aqui de Itaquera, né. Então, a gente foi tentando, juntando uma galera desde 2010 blá, blá, blá, batendo de frente com a Subprefeitura, com os coronéis, né, com os gestores das casas de cultura, né, A Casa de Cultura Raul Seixas também é um espaço também importantíssimo assim pra minha formação, porque uma, né, o Coletivo ALMA nasceu lá, outra que a gente usou lá durante um bom tempo fazendo ensaios, né, apresentações, atividades, mas também foi um espaço de muito conflito, de muita briga, de muito embate também, né, e de ver como é que a coisa como é que a gente gostaria que fosse a coisa pública, e de como a coisa funcionava na prática, né. O abandono, o descaso, né, como os artistas, como a gente enquanto artista, como moradores do bairro, como era maltratado, isso, isso me incomodava muito assim né! Então, já era uma indignação da gente falar “meu, vamo enfrentar”. É durante toda essa trajetória aí praticamente, né, até 2015, né, foram muito embates na casa de cultura.

Bom, de 2010 até 2013, 2010, 2011, 2012 a gente vai tentando fazer articulações aqui no bairro, né, de criar uma comissão de cultura aqui de Itaquera, acho que a Nísia participou em alguns momentos, né, tinham várias pessoas, várias assim, entre altos e baixo, né, umas colavam e ficavam, outras colavam e se afastavam. Aí também conflitos internos, né, nessa organização, né. Enfim, e aí a partir daí durante toda essa trajetória de conflitos quando chega em 2012, um ponto importante também, a gente faz um ato também junto com a galera dos Cata, Reação Arte e Cultura, mais outros artistas, outras pessoas do bairro também pra defender a Casa de Cultura Raul Seixas, né, que tava em vias de ser fechada, né, transferida pro centro de Itaquera porque eles achavam, a gestão achava que não tinha uso, não tinha funcionalidade, mas porque também era um equipamento fantasma, né. Então, isso também a gente fez um ato pra poder defender ela pra permanecer a casa onde ela estava, né, e acho que foi bem importante assim, porque acho que a gente conseguiu juntar gente, fizemos abaixo assinado coletamos acho que na época 3 mil assinaturas de pessoas aqui do bairro, né, em defesa da casa de cultura, né.

E quando chegou em 2013 foi algo muito importante pra minha formação política mesmo, de visão de mundo que eu conheci outras pessoas, aí ampliou o leque. A gente tinha uma visão sei lá muito bairrista, né, muito local aqui, de articulação local. Quando chegou 2013 também foi outro ponto importante porque eu conheci outras pessoas. Através de um evento que teve entre mudança de gestão, também a política, né, que a gente alimentou umas esperanças de que a coisa vai mudar, agora a coisa anda, né, aí teve um evento lá “Não existe diálogo em SP” lá no Centro Cultural Vergueiro, onde juntou muita gente da cidade de São Paulo inteira com várias pautas da cultura. E a gente enquanto Coletivo ALMA também, né, que passou pelo VAI, né, o VAI duas vezes, depois ficou um tempo sem nada e a gente “pô, e aí agora como é que a gente faz né?” Como é que... E aí a questão acho que foi a seguinte, né, como é que os coletivos se organizam depois do VAI, né? Como é que a gente se organiza coletivamente? Como é que a gente consegue se manter fazendo uma ação cultural no bairro, né, por mais tempo? Como é que a gente consegue dialogar? Como é que a gente consegue viver disso? Então, esses eram pensamento que ficavam, né. Como é que a gente faz pra ter cultura no bairro, né? E a gente via que “pô, tem uma casa de cultura, funcionários fantasmas”. Tem o Coletivo ALMA que faz umas coisas aqui de forma precária, tem outros grupos de ação de arte e cultura também e por aí vai, né. Mas muito pouco ainda, porque você vê quem mora aqui fala “pô, o quê a gente faz pra se divertir aqui?” O meu rolê, até antes dos 20 anos era colar nos rachas que tinha aqui, nos gorós que tinham, né, que eram itinerantes porque a polícia...

Ireldo CPDOC – Ali na Jacu Pêssego ali, né?

Marcello CORAGEM – É, então, e era isso, sempre sendo tocado, bares fechando, né, você vê né, então, que direito a gente tem a cultura nas quebradas, né? Então, é isso! Em 2013 também tem um ponto importante que a gente consegue bá, teve esse diálogo aqui, mas que não contempla as periferias, então como é que a gente junta essa galera, né. E aí a partir daí conheço outras galeras, de outras regiões, de Ermelino, Guarianases, blá, blá, blá, e a gente vê que tem outros problemas também, né, semelhantes aos nossos, muito parecidos, né, embora cada um com a sua especificidade, mas com problemas semelhantes. Então, essa articulação de regiões forma o Fórum de Cultura da Zona Leste que também ocupou aqui a... que também faz parte da ocupação, dos coletivos que ocupam aqui, a... fazem parte da ocupação. E essa articulação também rendeu outra coisa que foi o Movimento Cultural das Periferias que eu também participei de toda a construção. O Fórum de Cultura da Zona Leste desde a primeira reunião até as derradeiras, assim, eu participei de quase todas, assim, dá pra contar nos dedos quantas eu não participei. O Movimento Cultural das Periferias também, né, de toda a construção, tudo, né. E aí isso foi até 2016, 2017 e ainda continua de alguma forma, né. Mais aí tudo, toda essa construção, toda essa participação política sempre pensando “pô, como é que eu posso contribuir? De que forma que eu fortaleço? De que forma que a gente se organiza enquanto coletivo pra a gente melhorar as nossas vidas, né? Da gente criar condições mais dignas ou pelo menos condições menos desumanas, né. Então, acho que é isso um pouco da trajetória.

Pra chegar no CORAGEM, também, no ALMA eu fiquei até meados de 2015. 2015, né, lembrando também que é isso, né, os coletivos também têm altos e baixos, então o ALMA também foi algo que eu cresci muito, aprendi muito, né, e chegou em determinado momento também que chegou num ponto também insustentável pra eu ficar. Nesse momento também, então, rola o convite de eu participar da Casa de Cultura Raul Seixas, de tá na coordenação da Casa de Cultura Raul Seixas. Mas, por acaso também, né, meio que também por conta de todo o histórico de articulação local, mas também aqui na Zona Leste, da luta pelas casas de cultura que também eu contribui muito pra vir com uma galera imensa da cidade de São Paulo inteira pra poder voltar as casas de cultura, né, porque é isso, quando você tá aqui localmente você vê um probleminha, e você vai vendo “pô, vamo bater, vamo brigar com o funcionário, né”, e achar que o funcionário é o problema, aquele que tá ali, o servidor público totalmente fodido, precarizado, né, e aí você vai vendo as estruturas, como é que funciona, né. E aí de observar essa estrutura pra poder mexer na estrutura de fato onde está o problema. Então... opa, certo aí?...

Marcello CORAGEM – Uma coisa que eu fiz de tentar guardar um pouco do histórico foi o Fórum de Cultura da Zona Leste, né. Organizei toda aquele, toda aquele, mano, toda a trajetória desde o início lá assim, sabe? De fotos, textos, matérias, organizei tudo num blog assim, sabe? Eu basicamente eu quem alimentei tudo isso, praticamente. E quando eu fiz o meu TCC também, da faculdade, que aí eu contei um pouco da história da luta da construção da lei, todo o processo de construção dali. Então, acho que foi essa a minha contribuição também de poder registrar o processo de construção da Lei de Fomento à Periferia, do Movimento Cultural das Periferias, né, do Fórum também, né, então eu fiz essa trajetória de 2013 a 2016. Eu organizei tudo isso num blog!

Marcello CORAGEM – É! A Lei de Fomento à Periferia tá registrada! (risos) Virou meu TCC, porque eu tava fazendo o TCC sobre outra coisa assim, ia fazer sobre... fiz graduação em Geografia, né, licenciatura em Geografia. E aí tava pesquisando sobre educação não formal, MST, né, essa era a minha ideia, né. E aí como eu comecei a participar dessa parada e mergulhei fundo mesmo assim, sabe. Mergulhei mesmo assim de deixar a minha vida pessoal em segundo plano. Até de certa forma eu me arrependo um pouco falei “caraio, que loucura, né”. Muito intenso né. Então, eu fiz questão de contar a história, né, de registrar essa história que acabou virando o meu TCC, porque o TCC mesmo foi por água abaixo, abandonei o orientador, foi daquele jeito, né. Quando chegou nos finalmente “meu, ou você apresenta essa porra ou você vai... não tem mais prorrogação de curso, já era”. Aí eu falei “puta, tem toda essa história organizada, vai ser isso, eu vou, né”. Fiquei três meses escrevendo a história direto assim, parei de tramar e só pra poder registrar isso!

Então, em 2015, né, tem esse lance né boom da militância na área da cultura que tava fortíssima no Movimento Cultural das Periferias, batendo pra caramba geral, batendo em prefeito, batendo em vereador, batendo em secretário, batendo, né, de tudo que é lado, e se juntando, se reunindo, discutindo, se organizando, então, de forma muito intensa de encontros semanais, mensais, quinzenais, correndo em Prefeitura, em gabinetes, né, vendo como é que funciona todo o processo. Tudo isso de alguma forma eu registrei no TCC, de falar como é que foi dentro do executivo, como é que foi no legislativo, como é que as coisas funcionam, como é que os mecanismos todos, né, que a gente enquanto, de um modo geral não conhece, né, nem tem ideia de como funciona. Infelizmente, né, e tudo a gente vai vendo que é feito pra não funcionar, pra gente não se organizar, pra gente não se articular, né. E mesmo quando a gente se articular tem movimentos pra desarticular, né. Os caras são muito espertos nisso. Então, como é que funciona a política, né, na prática mesmo.

E aí nisso, 2015, então, eu sou convidado pra participar da coordenação da casa de cultura, pra ser o coordenador da Casa de Cultura Raul Seixas e eu estando no Movimento Cultural das Periferias, enquanto um dos linhas de frente, né. Também fui criticado por conta disso, né, de ter sido cooptado, né, “ah, o governo cooptou, o Marcello tá cooptando a galera que tá lá”, da linha de frente, então eu recebi duras críticas enquanto a isso também! Mas eu também falei “meu eu vou fazer tudo que eu vi que tava errado naquela casa de cultura, ela vai ter que ter um uso social dela”. Ou ela vai ter o uso social dela ou vou fazer de tudo pra fechar ela também, né, já que eu fui convidado pra tá aqui na coordenação dela. Então, é isso, eu queria saber como funcionava internamente também a estrutura política, né, dentro de um equipamento público, né. Então, eu sei lá, eu tenho assim um pouco de o sangue ferve assim, porque eu quero que as coisas funcionem, né. Sei lá, de alguma forma, é isso, acho que... Então, dentro da Casa de Cultura Raul Seixas, eu entrei pra coordenar a casa de cultura num equipamento que tava extremamente abandonado, que pra mim é um equipamento assim é o quintal da quebrada, né, que a gente via que tinha que funcionar com excelência, tinha muita gente pra poder usar esse espaço, tem gente pra um monte de coisa que a gente vê que daria pra conhecer lá e que não acontecia, por vontade de quem estava, da pessoa que tava ali de plantão, né, na maioria das vezes, né. Então, eu entrei com o intuito de fazer isso “minha ação é principalmente local”, né, eu contribuo regionalmente dentro da cidade, mas eu quer que dentro da minha quebrada as coisas funcionem também! Então, eu achei que eu poderia colaborar, que eu poderia é... fazer diferente e eu dei o meu sangue pra fazer diferente!

Assim como eu fiz também dentro do Coletivo ALMA, né, de poder dar o sangue mesmo pra poder muitas das coisas acontecerem, né. Então, é isso! Então a Casa de Cultura Raul Seixas que eu fique do final de 2015 até o final de 2016 praticamente escancaramos as portas, né, fizemos funcionar... os funcionários que não trabalhavam, passaram a trabalhar, tiveram motivação pra trabalhar! Os que não conseguiram se adaptar tiveram que sair, né, e também muita coisa acontecer, né, muita coisa acontecer espontaneamente pelo simples fato da porta estar aberta para as pessoas. Então, muita coisa aconteceu no espaço simplesmente por ter alguém pra abrir as portas pra ver qual que era a demanda e, de uma forma e de outra, viabilizar com dinheiro ou sem dinheiro, viabilizar! Então, é possível também dentro de um equipamento cultural público acontecer o uso social, respeitoso, fazer com que as coisas funcionem, né. Então, a minha experiência dentro disso foi importantíssima assim de eu ver que é possível fazer a coisa acontecer, né. É... E é isso, né, fiquei até o final de 2016!

O movimento Reggae na Rua também... é... eu nunca participei, eu nunca dei uma colaboração assim diretamente, pelo movimento Reggae na Rua, né, mas sempre vi a galera correndo e eu ficava impressionada, falava “caraca mano, que galera maluca muito loca, véio!” Era uma outra galera assim diferente, mas que fazia a coisa acontecer e era muito loco, né, cada evento do Reggae na Rua, e agora eu dou a colaboração na rua enquanto usuário do rolê, né, de colar e falar “puta, que evento da hora!”, véio. E era algo assim na essência, na mais pura essência, né, de as pessoas se juntarem e vamos fazer alguma coisa, né, de uma forma espontânea assim e com qualidade né, gostoso assim pra quem era frequentador chegar lá e curtir um evento de reggae, tudo, todo mundo correndo, todo mundo... era um lance assim de espirito comunitário da galera assim, conseguir fazer as coisas fluírem, né, sem recurso, sem apoio de VAI, sem verba pública, sem nada, né, no esquema nós por nós mesmo! E era bacana, né, ver as bandas, ver a galera, ver os seus camaradas, né, a galera que a gente conhecia lá fazendo um som, a galera da própria quebrada correndo, então, essa relação comunitária acho que é a coisa mais valiosa que o Reggae na Rua deu pra quebrada assim, né, de criar esses vínculos, né, de fazer a coisa acontecer de forma comunitária, né. Que da mesma forma é um exemplo também porque podem acontecer tantas outras coisas, né, e tantas outras coisas que acontecem que a gente nem sabe que tá rolando, mas que tem gente ali fazendo, né.

Então, é isso, é uma outra organização social, né, uma organização não dentro da lógica do capital, né, outra parada, né, que é extremamente valiosa e que talvez assim a gente não dá conta da dimensão do quão impactante é né, de é isso, você vê um mano que começa a tocar um baixo lá e de repente se junta com outro e faz um som, e de repente forma uma banda, e de repente tem o espaço pra ele tocar e vai lá toca no palco da quebrada “caraca, que da hora”, vamos continuar, vamos se aprimorando. É isso, abre outras possibilidades de trabalho, né, de perspectiva de vida pras pessoas, né. De criar meios de abrir e ampliar a visão de mundo dessas pessoas, né, então acho que o Reggae na Rua abriu caminhos pra muita gente, pra muita gente mesmo. E também pra galera da própria quebrada de ter uma opção de lazer, né, de ter acesso a cultura da própria quebrada, né, então é isso. Dentro do Reggae na Rua também, a Michele não mencionou, então só pra também colocar que também tinha os eventos de grafite, né, então era muito loco também, que da hora, porque rolava os sons e a galera e aí era isso, você colava e tinha o som rolando, CD rolando, uma comida vegana, um lanchinho totalmente diferente, coisa que a gente não vê nesses eventos de, digamos, comerciais né, nas baladas normais. Então, muita coisa assim que a gente vê que era a galera dali que tava fazendo alguma coisa, os artesanatos, né, da própria galera da quebrada, né, ou também das proximidades também que é

muito loco, os grafites rolando também, né, simultaneamente, algo que era muito loco também. Então, cada lugar que o Reggae na Rua passava ele transformava aquele lugar ali, não era só evento de reggae na rua, só a galera fumando baseado. Então, tinha uma contribuição local de transformar, de revitalizar aquele local ali né. Então, é legal né também colocar essa questão do Reggae na Rua e da importância.

E dentro disso o CORAGEM, como que entra o CORAGEM, né. Em 2016 eu estava na Casa de Cultura Raul Seixas, né, e eu não tinha muito contato, conhecia algumas pessoas, mas não tinha contato com o Reggae na Rua, né. Então, não conhecia o Tássio assim, via o Tássio mais não... era “ô, vamo trocar uma ideia”, mas não tinha essa proximidade, né. Eu conhecia a Michele, via também a Michele, mas não via também essa proximidade, né, de conhecer e parar pra trocar uma ideia. O Cage era o que eu mais conhecia por conta dos forrós, a gente se encontrava (risos). Mas era isso! E aí até dentro da Casa de Cultura Raul Seixas foi isso, a Michele, apareceu a Michele, pessoas né, que eu considero muito, né, grandes lutadores e lutadoras na quebrada, a Michele, o Tássio, a Mari, né, foram os três e falaram “ô Marcello, a gente tá pensando em ocupar lá aquele espaço lá, né, ali na Praça Brasil. O quê que você acha?” Eu falei “puta meu, demoro né! Total apoio no que precisar, no quê puder somar. Meu, tem que ocupar mesmo”, né. Então, a partir daí que eu tomei ciência da ideia do manifesto, falei faz uma carta aí pra galera também de, né, soltar esse manifesto aí de ocupação, né, e pegando adesões também da galera, né, todo mundo sabendo, mas, total apoio né. O espaço há 15 anos fechado, né, aqui um mercadinho que eu vinha também roubar chocolate quando eu era criança, né, corta essa parte aí, né. (risos) Mas é... (risos) Vinha aqui né, enfim, e é isso né, e sempre é isso, dentro da Casa de Cultura Raul Seixas a gente via a limitação que era o horário restrito, né. Dentro do ALMA a gente travou várias brigas pra poder funcionar a noite, né, organizar sarau a noite, né, lugar lindo, maravilhoso, mas que consegui usar a noite, então, a limitação muito grande pra quantidade de gente que tem na quebrada, né, de poder ter acesso à cultura, né. Então, um espaço a mais sempre seria muito bem-vindo, né!

Então, manifestei o apoio à ocupação, não participei também diretamente né por conta de estar na Casa de Cultura Raul Seixas, mas o quê eu pude fazer dentro da estrutura pra poder fortalecer e viabilizar as coisas aqui, indicar grupos que estavam batendo lá e não cabiam na agenda, porque meu, o horário comercial de segunda a domingo já não tava comportando as coisas que apareciam lá, então tudo o quê eu podia fazer aqui de alguma forma também tava colaborando. E entusiasta, né, de toda a ocupação, de toda a movimentação que rolou, né. De ver de perto, né, tudo o que a galera fez, a quantidade de entulho que saiu daqui, né, de a galera encher mais

de 4 caminhões de entulho, né, de pegar os carrinhos de mão, né, de encher e sair dispersando os entulhos, né, enquanto tava rolando a obra na Praça Brasil aí, também dispersando esse entulho. Então, foi muita coisa né, foi algo muito loco assim de se ver de perto né, como se deu essa ocupação, né, o sangue que a galera deu pra poder a gente tá no que tá hoje né.

Também fui entusiasta de ver as exposições, então, é algo que também né, algo que eu fiz muito pouco na vida de ir em galerias de arte, né. Sabe quando a gente vai, é isso né meu, o quê que é a arte? Cê vai na Caixa Cultural, cê vai no Banco do Brasil, né, em alguns espaços você acha muito loco, mas sabe quando falta alguma coisa. Você não se sente bem, não se sente a vontade, né, nesses espaços né. Pinacoteca eu fui só por conta do curso de gestão ambiental, porque eu nem sabia. Sala São Paulo, né, são coisas que é isso: não te aproximam, não te acolhem, né, de certa forma é isso, né, porque que grande também parte da população também não vai e também não consegue despertar o interesse de, porque é algo e um espaço que de certa forma também oprime as pessoas, né. Não é só, também, é claro, a questão do tempo, das pessoas não terem tempo pra ir é um fator extremamente determinante, né. O tempo de deslocamento também é outra coisa que limita muito as pessoas. Mas agora pra além disso também tem a questão da opressão mesmo, né, se você for na Pinacoteca cê vê lá asseguranças na porta, portões fechados, o estacionamento de carros só nave, né, portas enormes, tudo muito, né, bilheterias, né, eu falo “puta, esse espaço não é pra mim”. E aí diferente disso, completamente diferente disso a gente tá no seu próprio bairro com os seus amigos e entre os seus pares, né, e ser acolhido, ser bem recebido, ser bem tratado, tá com tênis sujo, tá com tênis zoados, da forma que você tiver você é bem-vindo, né.

E a galeria de... O CORAGEM assim acho que foi algo muito marcante, acho que é o grande diferencial daqui que fez com que chocasse assim as pessoas, me chocou muito assim, sabe. Me chocou, me contagiou de ver uma galeria de arte na quebrada, algo que também antes da ocupação era inimaginável de se ter aqui, né, de se pensar aqui né. Mesmo dentro da Casa de Cultura Raul Seixas assim, né, de você ter lá algumas exposições, né, algumas coisas rolando, mas era algo assim muito, muito, não é pequeno, sei lá, uma outra palavra assim. Era algo muito mais assim, era uma coisinha mais discreta assim, sabe. E dentro da ocupação não, né, a Ocupação Cultural CORAGEM já foi algo que já sacudia assim, que mexia muito com você porque era arte da rua dentro de uma galeria, era de certa forma valorizar algo que a gente vê nas ruas, uma manifestação artística que não tem valor dentro da nossa sociedade dentro sendo colocada numa posição de uma galeria de arte, sabe. Então, isso eu acho que foi a grande potência, né, de você pegar uma arte genuína das ruas e trazer e colocar ela num lugar e falar

“essa arte que tem valor”. “Essa arte tem valor!” Isso que o mano aqui da quebrada tá produzindo, tem valor, né. E a gente vê, né, artistas, grafiteiros, essa galera como exemplo que tem aqui, né. Agora sim “ó, arte urbana, tal né”, a gente desde uns tempos pra cá que tá tem uma “os gêmeos”, né, tem uma coisa muito forte, mas se a gente for pensar a dez anos atrás qual que era o lugar dessa arte? Que posição que ela estava né? Não tinha valor! Então, quando traz isso pra dentro da quebrada “caraca véio”, é muito do nosso cotidiano, é muita das nossas vidas! É nós falando de nós mesmos assim, sabe. É muito isso, né. A gente tá tendo um espaço pra gente poder expressar nossa arte, então, da mesma forma que na rua é isso, é o lugar aonde a gente poderia, nós por nós mesmos expressar a nossa arte, e a Ocupação Cultural CORAGEM também enxerga dessa forma, né, de ter um lugar onde nós temos o nosso espaço, que nós mesmos construímos pra gente expressar a nossa arte do jeito que a gente acha que tem que ser, né, então acho que isso foi um elemento marcante da Ocupação Cultural CORAGEM e eu vibrava a cada flyer, a cada exposição que rolava aqui, né, de cada coisa que acontecia aqui, né. A cada mudança que ocorria, a cada exposição, a cada melhoria que ia sendo feita pela galera, né, sem R\$ 1 de dinheiro público, logicamente, né Michele, um apoiozinho aqui, um apoiozinho ali, mas se a gente for pensar a dimensão da coisa é ínfimo, né, perto de tudo que a galera produziu, perto de tudo que a galera fez aqui, né. Então, é isso, e eu enquanto morador aqui a minha contribuição assim é pensar que eu sou morador daqui e eu quero contribuir pra minha quebrada, pra minha comunidade, e quero fazer a coisa não enquanto indivíduo, mas enquanto coletivo, né, contribuir coletivamente pra uma construção coletiva, né.

Então, é a ocupação eu fui acompanhando, acompanhando, da casa de cultura eu sai no final de 2016 né. Em 2017 eu tava super... tava tudo ferrado na verdade, daquele jeito, aí participei do fórum de cultura, voltei a participar do Fórum de Cultura da Zona Leste que foi contemplado lá pelo fomento à periferia, né, a galera me chamou e falou “ô Marcello, cola com nós e tal”. Eu construí então, participei dessas ações, muitas delas rolando aqui na Okupação Cultural CORAGEM, né. Aí vendo, principalmente assim a Michele, Tássio, a galera, né, das pessoas que estavam aqui, né, também vendo eu comecei a acompanhar também um pouco dos conflitos, né, que rolou desde o início da ocupação, né. Fui acompanhando toda a trajetória. E aí fazendo as ações aqui do Fórum de Cultura da Zona Leste e também falei “eu vou, eu quero colar com vocês aí, eu quero dar uma contribuição aí com vocês, eu quero somar forças com vocês aí, né”. É... Então, desde aí 2017 pra cá que eu venho de alguma forma colaborando na medida do possível, eu gostaria de contribuir muito mais, mas a questão de tempo, sobrevivência, tudo isso são também fatores limitantes, né, dentro de nossas vidas. E aí venho

aqui, que a atuação aqui minha assim é de alguma forma de articular coisas, né, de produção geral, né Michele. A Michele aí é a referência aqui desse espaço, sem dúvida alguma. E na medida do possível a gente vai tentando fazer as coisas aí acontecerem né.

Viu que toda a trajetória do CORAGEM, desde o início, toda a precariedade, né, do espaço que era, né, no que se transformou. Toda a trajetória, né, os eventos maravilhosos que rolaram aqui e esse espaço aqui acho que é muito, muito emblemático, muito forte aqui pras poucas pessoas, dentro da quantidade de pessoas que têm aqui no bairro, que conseguiram acessar esse espaço, né, de alguma forma também mexe com elas. Então, o acesso a arte é algo que mexe muito e mexeu com muitas pessoas que hoje... É isso, né, se a gente deixa essa porta aberta aqui sempre vai ter alguém vindo perguntar “o quê é aqui”, né, e das pessoas que já passaram aqui muitas delas perguntam “quando que vai voltar terá atividades aqui?”, né. Então, é isso! Então, de alguma forma tocou, a colaboração é esse de tentar com que a ocupação continue, né. E o quê que eu ia falar mais...

Marcello CORAGEM – Então é isso, toda a trajetória do CORAGEM, né, de ter desde a precariedade, né, de ter o alto, o auge do CORAGEM com as exposições bombando, já começa a acontecer muita coisa e depois também uma série de problemáticas, de conflitos, né, de organizações internas que é isso, que dentro de todo coletivo tem, não é só exclusivo do CORAGEM, né. Tem toda, né, é os altos e baixos, não é nunca algo linear, né. Que também permaneceu, como a Michele até relatou um pouco, um pouco por conta desses conflitos de portas fechadas que de alguma forma conseguiu se retomar, né, de ter atividades e tem demanda, acredito que tem muita demanda pra fazer esse espaço acontecer, fazer muita coisa legal ainda. E aí nessa retomada de conseguir fazer movimentar o espaço, né, de o espaço ter seu uso social dele, né, a gente pensa que “putz, agora vai, agora tá colando gente, tá chegando proposta, gente querendo somar, tudo né!” Vamos reorganizar o espaço, a forma de gestão do espaço, e quando a coisa começa a engrenar veio o covid, o maldito covid. Podia ficar só pros ricos, né, podia ter um recorte de classe, né, pro covid só pegar os ricos, os playboys, mas infelizmente não, né. Chegou até nós e é isso, né, impactou drasticamente nas ações, né, do que vinham sendo realizadas, né, de certa forma interrompeu, né, a questão mais direta, né, da relação direta de circulação de pessoas, atividades e de tudo, né. E aí o covid também abriu outras possibilidades, né, de a gente colocar também um pouco a cara assim “meu, o quê que é cultura também?”, né, a gente já falou bastante de arte, mas o quê que é cultura também!

E a cultura envolve isso, né, de você ter um olhar solidário, né, com as pessoas que estão ao seu redor de também o espaço de alguma forma viabilizar ações que contribuam pra dentro do bairro, dentro desse sentido de cultura mais amplo, né, que são as vivências, as relações, né. Então, a Ocupação Cultural CORAGEM nesse período do covid aqui, né, vem realizando ações, né, distribuindo cestas básicas, kits de higiene, de máscaras, né, também serve como espaço também pra gravações aqui de lives, né, da galera tá realizando as lives aqui, né, então como base pra desenvolver os seus trabalhos, né, de forma virtual, né. Espaço também tem esse amontoado de coisas que nada mais é do que acervos dos grupos, coletivos que usam o espaço aqui, né. Então, tem gibi, tem instrumento, tem um equipamento de som, tem uma série de coisas aí, tem livros, né, tem uma série de coisas aí que estão aí, mas que circulam, né, em condições normais e que a gente espera que em breve a gente volte, né, a ter né. Enquanto isso, não rola né, tem a galera Resiste Quebrada, né, e as bandas, né, os coletivos que atuam aqui, os coletivos que fora que vem, também rolou uma grande mobilização aí pra arrecadar alimentos, pra distribuição, né, e tem uma galera aqui que tá num veneno absoluto na quebrada, que às vezes a gente também, em condições normais, talvez a gente não pararia pra pensar tanto, né, nessa situação, que tem a gente... Tem uma galera que tá no veneno brabo que é a quebrada, né, e que já está há muito tempo, né.

Eu também, teve uma companheira de uma pessoa que tá fazendo pesquisa sobre o bolsa-família, e aí os dados que ela levantou no Brasil o Conjunto José Bonifácio, eu não sabia disso, pouca gente sabe, né, que o Conjunto José Bonifácio é um dos lugares, né, que tem maior demanda por bolsa-família, né, no... que tem a maior demanda de bolsa-família, né. Eu não lembro se é no município, no Estado, mas é... qual que é a proporção assim? É um dos lugares que mais tem demanda por bolsa-família, então tem muita gente no veneno aqui no bairro, né, tem muita gente no veneno. Às vezes a gente acha que “pô, a Cohab virou um lugar de classe média, já né”, tem uma galera que acha que é classe média realmente, mas ainda a gente vê que continua e segue sendo periferia, né, ainda periferia e muita precariedade. Ainda tem gente que passa fome, né, e ter uma ação dessa nesse momento é extremamente valiosa né, de ter uma galera se voluntariando, sacrificando pra tá aqui no espaço, de tá fazendo correr, de tá arrecadando alimentos, de tá organizando as cestas, de tá distribuindo, de tá agendando a entrega, né, de tá dando esse apoio, porque se fosse depender só do governo a gente sabe que a situação é bem diferente. Também nesse momento o espaço também vem cumprindo a sua função social. Eu acho que é isso, né, a ocupação, quando a gente fala em linguagens, mas acho que vai pra além de linguagens artísticas, né, acho que é um espaço comunitário, né, eu penso

num espaço comunitário, né. E claro, tem a questão cultural, artística né, essa veia artística, mais pra além disso acho que o covid ele veio também pra endossar esse vínculo comunitário, né, pra quebrada, né.

Bom, acho que ocupar é resistir, né! É isso, é acreditar em outra sociedade assim, é da gente buscar mecanismos pra gente aprender a se organizar, né. Então é um processo, eu acho que é isso a ocupação ela traz um processo muito rico assim, é sacrifício ocupar é resistir assim, e ocupar é sacrifício porque é isso, não é só entrar da porta pra fora e já era! Meu, quando se passa pra porta pra dentro você fala “caraca mano, olha a bucha de canhão que a gente foi se meter?”, né. Mesmo com dinheiro, pra reformar o espaço, depois de acabar aqui e a gente lavar, “puta, gastou todo esse dinheiro e não fez nada?” Pode ser que a gente recebe essa crítica, mas quem tá aqui no dia a dia vendo os beózinhos que vão surgindo todo dia, né, pra poder tocar a obra e a ocupação continuar existindo, né, o ocupar é resistir, ocupar é pensar numa outra forma de organização social, é um processo né, uma experiência da gente aprender a se organizar, né. Ocupar é sacrifício, né, porque se a gente for agir só pela razão vai falar “sinto muito, vou seguir com meu trampo ali e tá tudo certo! Colo no dia do evento e já era！”, né. A gente doa o nosso tempo, a nossa vida aqui! Uma parte da nossa vida é doação pra cá, né. E das outras ocupações também da mesma forma né, tem uma que é chamado de outra articulação do Movimento Cultural das Periferias, né, que é o bloco de ocupação cultural, né, Bloco das Ocupações Culturais, né, e que também vem se organizando, vem desde 2013 de lá se organizando pra poder viabilizar, né, a regularização desses espaços, né, da gente tentar pelo menos barrar né as investidas contra, né, que vêm diariamente e que também continuam rolando, inclusive aqui né. Nesse momento a gente tá com uma cartinha do Ministério Público agora pra responder, né. E é isso, é treta diária, né. Ocupar é resistir, ocupar é tretar diariamente, todo dia uma treta nova né.

Então... E aí sobre as exposições, depois você complementa a pergunta se eu não respondi tudo, mas sobre as exposições é isso, é algo, poxa, como é que vou explicar assim, é algo extremamente mágico assim, é lindo assim né de se ver, de ver a cada mês assim, dava até dó de né a gente falava “meu, que trampo tão lindo que foi feito aqui e já vai tirar pra fazer a próxima”. “Já, não pode ficar muito tempo não”. Era um mês né, duas semanas pra montar, duas semanas de montagem a galera aqui trampando direto dia e noite pintando, produzindo e criando né. Então, é muito loco também né que a gente via quando a porta estava aberta, cola e vê, você vê a galera ali fazendo e tudo né, e para e toma água, toma cerveja, e aí depois você vê aquele negócio pronto aí você fala “caramba, que muito loco né véio！”, que muito loco. E

quantos, é isso, uma reflexão assim de quantas pessoas não tem esse talento e não consegue desenvolver por falta de oportunidade, né. E mesmo também os próprios artistas que vieram também falando “caramba, dá hora ter esse espaço pra gente poder produzir o nosso trampo, eu nunca tinha feito isso”. Os caras ferrados, né, uma galera, as minas, os caras, uma galera ferrada e que nunca tiveram uma brecha pra poder montar uma exposição dentro do espaço direcionado pra uma galeria de arte, né. Então, é muito loco, né, então, a cada troca de exposição era assim uma... era um êxtase, né. O dia da abertura da exposição né, de todo mundo naquela curiosidade “caramba”, né. Quatro horas da tarde né, todo mundo já acelerado querendo saber como é que ia ficar, como é que ia ser, né, que trampo que ia ter, né, e tal. Então, é... sei lá, é mágico, é mágico assim de você ver e o quanto tem de criatividade né, pra você ver né, “ô, não, né, tem essa exposição agora, mas se desmanchar e a outra não for tão legal”, né. E é isso, a cada exposição era algo completamente diferente, então, acho que também é um pouco de poder expor assim o poder da arte né! O quanto a arte pode transformar, o quanto a criatividade transforma, né. E o infinito, né, do humano, da criação humana que a gente tem um pouco de contato né!

De tá no dia e ver o cara que produziu esse trampo, a mina que produziu esse trampo, o coletivo que produziu esse trampo tá ali e... tá ali com você ali e trocando ideia né, e tá tudo certo né, sem essa de “ô, o cara é... sei lá né, Deus, não sei o que né”, e tá junto e misturado, né. Então, eu ia falar outra coisa, mas esqueci agora.

Marcello CORAGEM – Então, foram 12 exposições no total né... 12 não, 13 né! É 13 exposições que aconteceram aqui no espaço né, contando com essa do ZL 100 Registro, né, e uma iconográfica que contava a história do bairro, né, do José Bonifácio e foi a galera da ASMUCO, né, que é a Associação de Mutuários aqui do José Bonifácio que elaborou essa exposição que colocou aqui contando a história do bairro, né, com fotos, brasão né. Então, importante registro. O Abílio, esqueci o sobrenome, o Abílio Ferreira né, também autor lado livro Tebas, né, um grande historiador e pesquisador também, né, que também colaborou com a galera aí né. Quantos artistas, né, aí eu não sei a quantidade assim de cabeça né, porque eram artistas individuais, exposições individuais e coletivas, individuais e coletivas né. Então, a quantidade eu não sei mensurar quantas pessoas, quantificar na verdade né. Mas, eram, pelo que eu me lembre assim, sempre intercaladas entre individuais e coletivas, individuais e coletivas né, aí às vezes tinham três pessoas dentro de um coletivo, às vezes era dez, às vezes... né, juntava e fazia um catadão cada pessoas, então acho que é isso!

Meu, acho que... é... Pra um museu assim teria que ter, pegar as fotos assim de todas as pessoas e tentar. Acho que registro fotográfico a gente tem um painel de todas as pessoas que de alguma forma colaboraram com esse espaço né, tem alguns registros se não sei se é suficiente, mas tem alguns registros né. De acervo, do que poderia ir pra um museu acho que a Michele citou bem, né, e também concordo plenamente e é isso: essa exposição que foi a primeira amostra de arte urbana de Itaquera é algo... pra mim assim é o acervo principal do CORAGEM, que a gente tinha que tá guardando ele né. A gente ainda não está guardando de uma forma adequada, infelizmente, mas precisamos chegar nesse ponto de ter um cuidado maior com esse acervo, com essa amostra de arte urbana, porque é isso é algo que praticamente foi feita de madeiras de entulho né, do que tava aqui entulhado, né, e que foi transformado numa madeira de entulho que foi transformada em arte né, por artistas de diversas quebradas né. Então, acho que esse é o principal acervo né que o CORAGEM tem né, o acervo material do CORAGEM, né, e tem o acervo imaterial né que a gente não tem isso organizado, mas é isso, esse trabalho que o CPDOC tá fazendo hoje é uma forma de tá registrando, é um trabalho essencial assim, primoroso de estar registrando um pouco da história dessa ocupação e das pessoas que passaram por essa ocupação, né, porque é isso a questão nossa também é né de não ter essa preocupação, não é porque a gente há, a gente é relaxado, porque a gente não tá nem aí pra isso. Na verdade talvez é mais uma questão de não parar pra pensar em fazer isso né, não conseguir ter tempo pra organizar isso, porque as demandas práticas, as ações práticas consomem muito do nosso tempo né. Então, a gente tá sempre correndo né. O WhatsApp está desde as 6 da manhã até meia noite, uma hora e tem gente “ah, sei lá o quê” (risos), não para assim né, e é WhatsApp bombando e uma série de problemáticas, né, um monte de coisa que a gente tem que ir acertando né, pra poder avançar né.

Então, é isso né, a gente quer que esse espaço volte, né, acho que as pessoas é o principal né, as pessoas que colaboraram, que colaboram, e a gente quer que o quê a gente tá fazendo aqui venham outras pessoas pra dar continuidade né, de poder propiciar que a gente, um pouco do que nós vivemos, né, do que a gente acredita né e abrir esses novos caminhos aí né. Acho que essa é a colaboração assim. Mas agora como é que a gente registra aí é isso: obrigado CPDOC vocês por alguma forma estar pegando um pouco da história né, de gravando, de registrando, de registrar essa história de uma forma mais sistematizada pra gente né e organizada. Que a gente tem coisas, mas é isso né registro de foto aqui, vídeo que fez ali que postou no Facebook, que tá não sei onde, né, que tá no Youtube né, mas tudo muito avulso. É isso, por não ter esse pensamento, essa organização e ter esse tempo pra poder conseguir organizar isso né.

Então, sobre a Praça Brasil né, um ponto importantíssimo né que marca, é um espaço que hoje vocês vão filmar mais tarde e vão ver a movimentação dela. A Praça Brasil ela sempre foi um espaço de encontro da galera. De uma forma e de outra, muitas das ações do ALMA, Reação Arte e Cultura, comícios, de tudo, evento evangélico, tudo, muita coisa acontece aí nessa praça né. E desde o princípio, né. Então, essa praça ela também tem um valor também né, é um patrimônio aqui da Cohab 2 né. Pra mim é um patrimônio, pra nós. E ela... é... sempre né, daquele jeito, a atuação do poder público também, muito descaso né, abandono também né. Então, dentro do ALMA mesmo né, dos eventos que a gente realizava lá sempre muito lixo, sujeira, xixi, coco, meu de tudo, vazamento, infiltrações na praça né, tudo muito de qualquer jeito assim né. Então, quando surgiu um projeto né, olha a história. Tinha um projeto pra reformar a Praça Brasil, né, dentro ainda do... antes de 2013 né. Dentro dos coronéis aí né. E aí... Aí em 2013 começou né. Aí na época, né, em 2013 teve aquele lance Subprefeitura né, de colocar funcionários de carreira, blá, blá, blá né, a Prefeitura se organizando pra ver como ia distribuir as Subprefeituras, e a gente sabe que anteriormente era algo muito loteado, muito vinculado a questão partidária né. Infelizmente, ainda de certa forma continua sendo, né, a questão política ainda arcaica, a gente vai visitar, eu fui na Subprefeitura de Itaquera ontem e ainda continua sendo arcaica né, continua ainda não prestando um serviço digno pra população, mas enfim, rolou uma ideia de reformar a Praça Brasil, né.

E aí essa reforma, foi elaborado um projeto de reforma da Praça Brasil, não teve consulta da população né. Eu lembro né que dentro da comissão de cultura de Itaquera teve uma das meninas, uma das pessoas que trabalhava era servidora até conseguiu uma cópia do projeto parecia que... mas parece que foi assim que eu roubei o mapa do tesouro ou lá do Trump, tá ligado! Aí trouxe né, mas enfim. E a gente viu depois a mulher sumiu assim, sei lá o que aconteceu, meu parecia que ninguém podia ver o negócio e eu falei “mano dos Céus”, olha o grau que a gente tá né. E aí rolou esse projeto né, no qual não teve participação né, começou o projeto, a execução desse projeto de R\$ 1 milhão de reais pra reformar a praça que a gente achava que era muito até né, pra época. E aí esse projeto praticamente não saiu do papel. Gastaram 300 mil reais pra poder, do 1 milhão, gastaram 300 mil pra poder, pelo o quê a gente ficou sabendo assim, né, sem ver nenhum papel escrito né, mas 300 mil pra elaborar o projeto né, fizeram um cimentadinho de 50 metros aqui na parte de cima e acabou, parou a obra. E aí, dentro do ALMA assim eu tava participando. Desde 2010 eu participei pouco assim da organização, quando chegou 2012 como deu uma treta lá eu falei “puta”. Minha atuação assim é muito nos bastidores, na produção e fazer as coisas acontecerem, mas sem tá nos holofotes

né. Aí 2012 eu comecei a participar mais ativamente né, então eu falei “meu, vamos ver o que tava acontecendo”, né, e juntando outra galera e discussão tudo, pô, mas não anda, Jornal JB aqui, o Daniel né, juntou uma galera e falou “meu, vamo chamar o subprefeito aqui pra questionar porque que essa obra não tá andando”.

E aí a obra não tava andando, segundo o subprefeito né falou que não tava... tava com problemas e tudo, mas porque ele não tinha um servidor público pra poder acompanhar a obra né. Aí é isso, são coisas que indignam assim, até é difícil de falar porque dá tanto ódio, tanta raiva, que é isso. Então, não tinha pessoas pra acompanhar a obra, não teve acompanhamento... não teve participação comunitária, não tinha servidor pra acompanhar a obra e gastando a grana, né, de uma forma totalmente errada. Então, a gente chamou o subprefeito aqui, chamou uma galera tudo e aí massacramos o subprefeito assim, de porrada né, massacramo, massacramo de ele ficar sem resposta né, de mostrar o quanto ele é incompetente mesmo sendo um engenheiro de carreira da Prefeitura né. Então, é isso né, a questão só de você ter um nível superior, ter uma graduação às vezes pode não dizer absolutamente nada né. Talvez participação comunitária, o vínculo comunitário, o envolvimento comunitário vai dar o sentido pra coisa né. E nessa da gente bater muito, de mostrar que o cara, o subprefeito, era incompetente, não tinha assessoria, e mesmo assim era incompetente né. Aí, teve outra questão também né da gente ir também né pra, de questionar sobre o orçamento, de quanto que era gasto e o cara não sabia o quê tava gasto “como assim? Você tá executando uma obra de 1 milhão e não sabe o quê tá sendo gasto? De que forma tá sendo a obra? Você não tem acompanhamento, como assim?”, né, “como assim?”. É surreal né, como assim? E aí a gente “ah, vamos marcar uma reunião na Subprefeitura pra alguém te explicar, pra explicar pra vocês o orçamento”, reunião lá também de... com a pessoa que era técnica do financeiro pra explicar pra gente o quê que tava rolando com o orçamento.

É e aí descobri assim eu falei “meu ó, é isso, os caras deram um golpe, pegou a grana, gastou a grana e não tá fazendo o serviço”, vai ter que embargar a obra né, vai ter que cancelar o contrato, processo e blá, blá, blá, aí nisso a gente interrompeu né. E aí é isso, o dinheiro vem pra Prefeitura, o final da história do orçamento né, o dinheiro que é destinado no ano de 1 milhão de reais, gastou 300 mil e não fez nada, né, chega no final do ano encerra o ano fiscal lá, o caixa, o dinheiro volta pro cofre público e perde a grana. Então, a gente bateu no caro, foi no ano de 2013, batemo nele e não voltou, perdeu a grana desse ano né, aí trocou o subprefeito aí veio o Maurício né, e acho que é isso. Veio o Maurício aí foi outro cara com uma visão completamente diferente que queria fazer pelo bairro assim, é isso né, alguém que tem vontade

também de fazer, dá pra fazer muita coisa. Trocou o subprefeito e esse cara tinha uma relação de querer fazer as coisas acontecerem, então, ficou sabendo da treta que teve, questionamento que teve né, da repercussão que teve no bairro do problema da reforma na praça, aí mudou de figura né, mudou a questão né, vamos ter que rever o projeto e consultar a comunidade pra ver se tá de acordo ou não, né, com o quê a galera almeja né. Então, pelo o quê eu me lembro teve uma apresentação do projeto da praça aqui na ASMUCO e depois teve, principalmente, a galera do CORAGEM né, que aí quando começou a mexer na parte que seria do skate lá tal, que começou a fazer a coisa totalmente errada aí meu, os skatistas né, vamos fazer... é isso, você vai na Cidade Tiradentes, Juscelino e você vê um monte de obra de pista de skate que não teve a participação dos skatistas, não é skate que é....

E aí nessa de mexer nos obstáculos dos skatistas falou “não, não, isso daí vocês estão viajando na maionese, né”. Que aí nessa do CORAGEM da galera que muitos eram skatistas né, Tássio, Rico...é...

Vinícius, tinha uma galera que andava de skate né. E aí começaram a questionar né, aí nessa que pegou o Maurício - prefeito regional de Itaquera -lá e falou “não, vamo aí ver o projeto, sentar” e conseguiram influenciar na modificação do projeto pra fazer de acordo com o quê a galera queria né. Então, teve essa participação pra poder ter essa praça que a gente tá hoje aí né. Então, a parte de cima né, a parte das crianças, a parte do skate né, a parte do lá de baixo lá. Então, teve essa participação importante. E aí qual que foi o grande diferencial né, não só de ter a consulta pública, mas o principal que foi ter o acompanhamento das pessoas dessa obra pública né. Então, praticamente assim a galera aqui acompanhou todo o processo, praticamente eram os fiscais. A galera do CORAGEM virou os fiscais da obra na praça né, principalmente do CORAGEM né, claro que tinha Jornal JB, ASMUCO né, a gente que tava aí, mas o CORAGEM era a galera que tava lá andando de skate tava no dia a dia da praça né. Então, a galera meu não deu descanso, tudo saiu conforme a galera quis que ficasse né. E aí o subprefeito, como também se aproximou, se envolveu e tudo né, então confluíu as ideias né, as energias de fazer a coisa acontecer da forma como deveria ser feita mesmo né. Então, acho que é isso né a participação com organização né, e a participação popular é importante pra poder fazer a diferença né, que não é só o dinheiro né...

Então, aí sobre a praça né... Então, só destacar a importância da participação da organização né comunitária né, de ter esse vínculo né, de ter essa relação, de conseguir acompanhar de alguma forma porque também é um grande diferencial né. E o CORAGEM colaborou muito né com o

quê essa praça é hoje aí. Poucas, pouquíssimas pessoas devem saber né o histórico de luta, né, de discussão que teve, né, abandono, retomada né, as pessoas que lutaram para ter uma reforma digna da praça né. E se a gente vê hoje ainda tem detalhes que a gente vê, os ferros que não tem manutenção, né, umas coisinhas que a gente vê aqui tão com problema e que talvez falte um pouco dessa percepção, né, de saber da importância que é da praça né e de conservar ela.

Então, aí com o término da reforma da praça também né, essa pista de skate como exemplo ela ficou tão boa, tão boa que a galera conseguiu organizar, o CORAGEM organizou né um campeonato de skate né, foi o primeiro campeonato de skate né da...

Michele CORAGEM – Primeiro Campeonato de Skate Plaza Brasil!

Marcello CORAGEM – Skate Plaza Brasil. Aí teve show de reggae também né, teve música também né, grafite, então atividade de grafite e então foi bem bacana esse campeonato né, com premiação né...

Michele CORAGEM – Foram dois dias de campeonato

Marcello CORAGEM – ... com crianças pequenas né, com jovens e com adultos né. Então, nível amador, profissional né. E essa praça é referência hoje, pouca gente também sabe, mas vem skatistas de diversos lugares, skatistas profissionais pra andar de skate aí na Praça Brasil, né, principalmente durante a semana né, durante a semana que é mais tranquilo né. Vire mexe tem alguém andando de skate aí e você vê “pô, os caras daqui é profissional e tal”. Muitos vieram aqui também visitar e conhecer a ocupação e tal né. Então, olha só a referência que é essa praça né.

Bom, sobre o espaço também é importante né esse convite do CPDOC também, a gente falou que com a reforma a gente tomou uma decisão muito rápida assim né, até por conta da disponibilidade do pedreiro, de ter início imediato, então foi um pouco no susto né, mas também é... foi isso. A gente está num outro momento agora na Ocupação Cultural CORAGEM, dentro da pandemia, mas que foi um processo antes da pandemia e foi uma... a gente conseguiu uma premiação aqui do Ponto de Cultura, então esse espaço aqui hoje ele é conhecido como um espaço, como um Ponto de Cultura né, a nível municipal e a nível federal, né, uma premiação de parceria entre o município né, Prefeitura e o governo federal, né, que também tem um histórico de luta de um tempo aí, mas que foi contemplado ano passado e por conta de todas essas burocracias aí o recurso só foi sair somente agora já no meio da pandemia aí. Então, era algo que a gente não tava pensando em fazer nesse momento. Se tivesse saído lá atrás, teria sido

feito lá atrás né, mas saiu nesse momento então pra gente foi muito bem-vindo assim pra gente dar esse... essa... buscar as manutenções aqui básica aqui, a gente tá sonhando, elaborando projetos, o fomento que a gente elaborou alguns anos já e esse ano novamente né, e a gente sonha com esse espaço aqui todo arrumado né, todo de uma forma mais digna assim né, melhorado. E com esse recurso que pingou pra gente né, deu pra dar uma... solucionar problemas assim muito emergenciais assim, sabe, nem... não dá nem pra chamar de uma reforma porque não é nem, é um passo antes ainda. Tá dando algumas manutenções das mais urgentes que precisa no espaço né, que é fechar a parte lateral que tava com um problema de segurança muito frágil aí né. Então, a gente conseguiu fechar agora né.

Dar manutenção nas portas que tavam tudo praticamente grande parte podre, enferrujada, enfim. A sala dos fundos né que tinha uma parte com diferentes níveis de piso né, uma parte no concreto bruto ainda, então muita poeira por conta disso. Então, a ocupação está nesse momento agora né, de dar essa manutenção, essa melhoria, né, e esse momento dentro do covid aí, infelizmente é isso, os pedreiros estão trabalhando aqui né, é isso né, qual que é a relação com os trabalhadores. No começo a gente fez algumas manutenções antes também né, também é importante frisar. O telhado, né, a frente de infiltrações aí. A gente recebeu críticas por conta disso falaram “meu, tamo na pandemia tem trabalhador... tem gente trabalhando lá né”, mas qual que é a situação dos trabalhadores, né? Será que os pedreiros, né, a galera que trabalha com isso tem condição de ficar em casa? Quais são os trabalhadores brasileiros que realmente tem condições de ficar em casa dentro de uma pandemia, né? O cara que tá trabalhando aqui, o João, ele falou uma parada que é muito loca, ele falou: “mano, tá tudo normal, só acrescentou o covid! Tanto problema que a gente tem que pra gente é só mais um! Só acrescentou o covid e vida que segue, a gente tem que trabalhar porque se a gente não trabalhar a gente não come!”, né, “se a gente não trabalhar a gente não come”. Então, é isso, os caras estão trampando aqui né, em plena pandemia, nunca pararam, tão a todo vapor.

Tem que ter muita coragem viu véio! Tem que ter muita coragem, tem que ter muita disposição, tem que acreditar em outro mundo possível né! Tem que ter muita coragem! É sacrifício, é força, é resistência né, é sonhar com outra sociedade mesmo né. É outra relação, é outro mundo né. A gente tá aqui e a gente tá criando, é um processo que a gente tá criando o mundo que a gente acredita, né, dentro de todas as nossas precariedades, dentro de todas as nossas contradições, dentro de uma série de coisas, mas a gente tá aqui e fala “mano, a gente... vamos dar as mãos aqui que a gente faz uma parada diferente”, né, então é isso! É resistir a esse sistema que tá aí né!

